



# UM MUNDO SEM FOME DE ARCHIE DAVIES: UMA GEOGRAFIA INTELECTUAL CONTRA-HEGEMÔNICA DE JOSUÉ DE CASTRO

■ AMBER MURRAY

School of Geography and the Environment, University of Oxford. amber.murrey-ndewa@ouce.ox.ac.uk

Recebido em: 07/02/2022

Aprovado em: 04/06/2022



O livro *A World Without Hunger* (Um mundo sem fome), de Davies, oferece um exame detalhado da vida do fisiólogo, geógrafo humano, diplomata e médico brasileiro Josué de Castro. A vida de Castro, argumenta Davies, oferece uma orientação inestimável para abordagens radicais que desafiem a política da fome, bem como muitos *insights* para reler a historiografia multilíngue do pensamento geográfico radical.

Davies coloca Castro “ao lado” de várias histórias e tradições radicais. Este é um conceito usado com conhecimento de causa, como explica Davies,

Utilizo o termo *ao lado* deliberadamente, precisamente para evitar subsumir Castro a uma história pré-estabelecida da geografia (crítica, radical ou qualquer outra) na qual já é conhecido um resultado final da manifestação disciplinar e contemporânea da geografia (Davies, 2022, p. 202).

Ao fazê-lo, ele “quer colocar Castro ao lado das histórias existentes... sem insistir que ele pode ser incluído nelas” (Davies, 2022, p. 58).

Este projeto geográfico histórico será realizado sem aspirações de totalidade, conclusão ou canonização. Assim, trabalhando lado a lado, Davies conduz uma “abordagem biográfica... que desenha geografias intelectuais contra-hegemônicas do internacional”. Isto inclui pesquisar o que tem sido ignorado pelos arquivos institucionais e dentro deles. O resultado é um exame complexo e cuidadoso da vida de Castro que faz muitas coisas. Entre elas, este livro:

1. escava as conceituações diferenciadas e mutáveis de Castro sobre a fome e sua prática no trabalho para realizar um mundo sem fome;
2. desafia a geopolítica das histórias do pensamento crítico em geografia;
3. oferece *insights* sobre as possibilidades de práxis na geografia crítica e leva os leitores a repensar e reconsiderar quem ou o que consideramos ser “intelectuais públicos”.

Em primeiro lugar, Davies escava as conceptualizações fundamentadas, contingentes, regionalmente ricas e mutáveis da fome no trabalho de Castro, considerando a sua prática e trabalho para concretizar um mundo sem fome. Castro procurou demonstrar que a fome era uma condição social e não natural. A luta contra a fome sempre foi política; a fome era o resultado de escolhas, políticas e deliberadas. Davies explica que Castro entendeu que “quanto as pessoas comem, e quanto elas precisam comer, é intrinsecamente político em escala nacional” (Davies, 2002, p. 116). O próprio Castro escreveu que “a luta contra a fome só vale alguma coisa se for formulada dentro da ótica da luta contra o fenômeno do subdesenvolvimento” (Davies, 2022, p. 208).

Em vez de seguir o paradigma de desenvolvimento intelectual da era da Guerra Fria, Castro procurou alcançar o que chamou de “emancipação coletiva da humanidade”. Na verdade, nos seus últimos anos, em particular, ele foi altamente crítico aos modelos neocoloniais de desenvolvimento, escrevendo: “a degradação econômica dos países subdesenvolvidos resulta em uma poluição do seu ambiente humano, provocada pelos abusos econômicos das zonas dominantes da economia mundial” (citado em Davies, 2022, p. 108). Trabalhando contra o que chamou de “conspiração do silêncio” sobre as raízes da fome, Castro viu potenciais na cooperação radical, na solidariedade e na reciprocidade. Davies argumenta que “o trabalho intelectual de Castro pode ser visto na raiz de uma tradição alternativa de estudos críticos do desenvolvimento” (Davies, 2022, p. 114).

Um dos pontos fortes do livro é a atenção de Davies à prática intelectual mutável, multifacetada e “antidogmática” de Castro (Davies, 2022, p.219). Observando que “Castro... estava [inicialmente] cheio de um senso quase utópico das possibilidades [da FAO]” (Davies, 2022, p. 115), para posteriormente ficar “profundamente desiludido” em 1956, no meio de sua vida (Davies, 2022, p. 214). Após seu trabalho e ativismo subsequentes em Recife/Brasil e Paris/França, “o pensamento de Castro tornou-se mais radical à medida que envelhecia”, com Davies explicando que, “no final da década de 1960, ele deixou explícito que saciar verdadeiramente a fome dos oprimidos exigiria uma ruptura massiva da ordem existente” (Davies, 2022, p. 194).

Eu fiquei particularmente interessada em compreender a práxis de Castro.

Apreiei, por exemplo, as descrições da práxis docente e dos esboços do curso de Castro, particularmente os rabiscos e marginalias. O “ensino de Castro enfatiza seu apoio aos estudiosos mais jovens na experimentação de novas abordagens políticas para a ecologia humana” (Davies, 2022, p. 205). Alain Bué, um dos professores assistentes de Castro em Paris, lembra que Castro “pediu aos alunos que limitassem a sua dieta a apenas 1.600 calorias por dia e depois tentassem escrever uma dissertação para o seminário ou realizar trabalho físico” (Davies, 2022, pág. 206). São-nos oferecidos vislumbres de como ele baseou o seu trabalho pedagógico nas geografias da fome em experiências cotidianas e corporificadas.

Um exemplo da sua práxis política é o papel de Castro nos debates em torno de uma reserva alimentar mundial como Presidente do conselho da FAO. No centro da consideração estava a questão do significado dos alimentos: como mercadoria global ou como direito global (Davies, 2022, p. 115). A ideia de uma reserva alimentar global era contrabalançar as consequências devastadoras relacionadas com a escassez de alimentos ou mesmo as percepções de escassez nos mercados capitalistas. No entanto, as aspirações de Castro a uma reserva alimentar mundial pareciam condenadas desde o início, restringidas como estavam pela ascensão imperialista dos EUA e pela expansão capitalista em curso, particularmente sob a forma do agronegócio global. Os EUA, o Canadá e o Reino Unido agiram rapidamente para bloquear ações radicais na FAO.

Uma segunda intervenção feita pelo livro de Davies é desafiar a geopolítica da escrita da história no pensamento geográfico crítico.

Ao longo do livro, a participação de Castro em vários coletivos e diferentes momentos (ou fragmentos) da sua vida política e intelectual são retomados para ilustrar arquivos ricos e não examinados da história da ecologia política. Davies argumenta que

isso ocorre porque “as rígidas fronteiras linguísticas na história da geografia precisam ser perturbadas” (Davies, 2022, p. 222). Influenciado pelos argumentos de James Sidaway de que “o conhecimento geográfico ocidental não se desenvolveu no vácuo, longe das geografias não ocidentais anteriores [mas que] dependia delas” (Davies, 2022, p. 214), Davies lê o tempo de Castro em Estocolmo em 1972 e em Paris de 1968 a 1973 como uma ilustração das fronteiras indistintas entre as divisões Norte-Sul.

Davies explica:

Aqui temos um estudioso do Sul pegando o olhar de uma instituição do Norte e voltando-o para os trópicos. As linhas divisórias Norte-Sul são, em última análise, pouco úteis: as geografias históricas do conhecimento não são redutíveis a tais abstrações. (Davies, 2022, p. 214)

Atualmente, a rejeição aos estudos decoloniais como presunção de autenticidade ou promoção de argumentos baseados na identidade – incluindo ao longo das divisões Norte-Sul – é generalizada. No entanto, provenientes da tradição da práxis anticolonial, dos estudos pós-coloniais e do momento político do chamado Terceiro Mundo nas décadas de 1940 e 1950, os estudiosos decoloniais sabem levar a sério as inter-relações entre diferentes conhecimentos situados, incluindo a apropriação indevida de ideias não-Ocidentais, a reprodução do eurocentrismo através da institucionalização e a formalização de sistemas educacionais (ocidentais) em todo o Sul Global. Afinal, as ambições da educação colonial eram formar elites indígenas. As experiências de Castro oferecem um contraponto importante à geopolítica colonial da educação, ao mesmo tempo que trabalham ambiciosamente contra a corrente pela construção de sistemas alimentares mais humanistas, se não anticapitalistas, menos centrados no capitalismo.

No entanto, as percepções multidisciplinares de Castro foram negligenciadas nas histórias disciplinares. Além disso, foram deliberadamente rejeitados ou mesmo apropriados por alguns dos colegas europeus da sua época, como Davies mostra que foi provavelmente o caso de Yves Lacoste em Paris. Esta relação desigual (alguns poderiam dizer exploradora) demonstra precisamente os papéis, funções e alcance das lógicas e práticas coloniais dentro da universidade imperial. A marginalização e difamação do trabalho de Castro na FAO – por exemplo, algumas das controvérsias que se seguiram à publicação do livro de Castro, *A Geografia da Fome*, em 1952, que Davies menciona, incluindo “acusações de que ele era demasiado político” (Davies 2022, p. 113) e seu próprio exílio político do Brasil, parecem evidenciar o poder e o alcance do imperialismo no trabalho intelectual.

Por outro lado, Davies faz um excelente trabalho ao permitir ambiguidades e liminaridades nas suas interpretações da vida e das ideias de Castro. Sobre o tema da nutrição, por exemplo, Davies observa que “Castro estava comprometido com uma forma de humanismo anticolonial, mas operava dentro de discursos hegemônicos do cálculo científico ocidental” (Davies, 2022, p. 117).

Finalmente, Davies oferece *insights* sobre as possibilidades de práxis na geografia crítica e incita os leitores a repensar e reconsiderar o que consideramos ser o trabalho “intelectual público”. Pensando com Edward Said, Davies aborda a questão do “intelectual geográfico público através do trabalho de Castro”, notando particularmente a navegação de Castro pelos diferentes tipos de compromissos e responsabilidades intelectuais. Davies argumenta que a condução do trabalho “intelectual público” “não depende da escala do público” (Davies, 2022, p. 197), mas sim que

os intelectuais devem procurar estabelecer conexões iminentes entre o trabalho intelectual e a prática política. [A prática de Castro] sugere menos que o trabalho intelectual deva ser o prefácio, o limiar ou o prazer culposo após o verdadeiro trabalho de compromisso político. Não exige que o intelectual pare de escrever e continue com a política real. (Davies, 2022, p. 197)

O livro de Davies é uma leitura rica e instigante. Faz uma intervenção valiosa nas histórias radicais do pensamento geográfico e desafia-nos a reexaminar as ecologias políticas, a práxis crítica e as possibilidades de um mundo sem fome.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DAVIES, Archie. *A World Without Hunger: Josué de Castro and the History of Geography*. Liverpool: Liverpool University Press, 2022.